



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS  
CENTRO DE ARTES  
CURSO DE ARTES VISUAIS – MODALIDADE LICENCIATURA**

Monografia

**CARTAS DE UMA ARTE/EDUCADORA EM FORMAÇÃO.**

**Thais Machado do Amaral**

PELOTAS, 2014

**Thais Machado do Amaral**

**CARTAS DE UMA ARTE/EDUCADORA EM FORMAÇÃO.**

Trabalho de Conclusão do Curso de Artes Visuais – Modalidade Licenciatura, apresentado ao Centro de Artes, da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Artes Visuais.

**Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Claudia Mariza Mattos Brandão**

**Pelotas, 2014**

## **BANCA EXAMINADORA**

Claudia Mariza Mattos Brandão (orientadora - UFPEL)

Ursula Rosa da Silva (UFPEL)

Xênia Velloso (Prefeitura Municipal de Rio Grande)

Pai e mãe, dedico a vocês esse trabalho pelo incentivo aos estudos e o imenso suporte emocional e financeiro que desprenderam a mim durante toda minha vida e em especial durante os anos de curso e longe de casa. Dedico todos os esforços, as lágrimas e as minhas noites não dormidas para que em meio a trancos e barrancos concluísse este, que é a prova de que fui capaz de cumprir essa etapa que tanto os orgulha. Chegar até aqui só foi possível pelas tantas noites que a mim dedicaram sem dormir durante esses 26 anos. A certeza de sempre ter para onde retornar derrotada ou vitoriosa e o apoio de vocês para que eu ficasse o melhor possível deram-me a força para que eu continuasse sempre em frente.

## **AGRADECIMENTOS**

A ti, Diego Xavier, noivo e cúmplice nos momentos alegres e nos difíceis, pelo amor, carinho, apoio aos meus projetos e dedicação incondicional nesse momento decisivo. A ti, Fábio, irmão e amigo com quem dividi o mesmo teto durante os anos de graduação longe de casa, te agradeço pelos momentos de companheirismo e apoio e pelas brigas e conflitos que com certeza nos fizeram crescer.

Agradeço a vocês meus amigos e familiares que entenderam as minhas ausências e me apoiaram em minha trajetória de graduação.

A equipe diretiva da escola Sylvania Mello, onde trabalho em especial a coordenadora pedagógica Lucy Rosa e a diretora Carla Bozzano, pela oportunidade e apoio a formação, assim como meus colegas das séries iniciais que sempre estenderam a mão para me ajudar quando precisei.

Agradeço de coração e sem palavras a Cláudia Brandão, professora da graduação e orientadora deste trabalho, pelas oportunidades de crescimento ofertadas durante todo o curso, pelos aconselhamentos, exemplo de profissional e ser humano e pela compreensão e suporte de sempre.

Só se pode alcançar um grande êxito quando nos mantemos fiéis a nós  
mesmos.  
Friedrich Nietzsche

## RESUMO

Esta pesquisa de conclusão de curso tem como problema principal entender como as vivências, as memórias, o imaginário e as reflexões influenciam na formação de uma arte/educadora. Esta tem natureza qualitativa e a metodologia utilizada para a construção se vale do levantamento bibliográfico de teóricos como Nicolas Bourriaud que trata de Arte Relacional, Marie-Christine Josso para dar suporte a importância das narrativas do vivido, Zygmund Bauman com suas ideias acerca do mundo líquido moderno, Stuart Hall tratando da formação das identidades na sociedade contemporânea, Sandra Corazza e suas discussões acerca dos desafios de educar e não alimentar as ilusões da infância e Duarte Júnior que nos fala da educação do sensível também na formação do professor.

A pesquisa está estruturada no formato de cartas e se dá através da narração do vivido e reflexão crítica sobre as inquietantes questões norteadoras retiradas dos percursos do vivido como resultantes da minha formação experiencial, e desenvolve-se na análise dos impactos de fatos mundanos sobre os processos educativos que desenvolvo.

Com esta investigação busco, através do confronto com as ideias dos teóricos já citados, amparados também na memória e reflexões sobre os trajetos percorridos, analisados à luz dos mesmos, responder às questões que norteiam o trabalho, tais como: Será que o curso de Artes Visuais pode ser considerado *locus* para a alteração da percepção do mundo a nossa volta? E as vivências sociais influenciam na formação docente? Será que o tempo cronológico e as atribuições do mundo moderno atrapalham na formação identitária e profissional d@ profess@r? Afinal, qual é o lugar da arte na educação básica? Qual o seu *locus*/estatuto na sociedade contemporânea? Tramando dessa forma uma conversa entre a teoria e as vivências cotidianas que servem de alavanca para a formação da professora que em mim habita.

## ABSTRACT

This course conclusion of research is to understand how the main problem vivencias, the memories, the imaginary and the reflections influence the formation of an art / educator. This is qualitative and the methodology used for the construction relies on the literature of theoretical as Bourriaud dealing Relational Art, Marie-Christine Josso to support the importance of narratives of lived, Zygmund Bauman with your ideas about the liquid modern world Stuart Hall dealing with the formation of identities in contemporary society, Sandra Corazza dealing with the challenges of educating and non-food childhood illusions.

The research takes place in the form of letters and occurs through the narration lived and critical reflection on the guiding disturbing issues drawn from the paths of experienced as a result of my experiential training, and develops the analysis of the impacts of mundane facts about the processes I develop educational.

With this research seek through the confrontation with the ideas of theorists already mentioned, seeking support also in memory and reflections on the traversed paths, analyzed in the light thereof, answer the questions that guide the work, such as: Does the course of Arts visual can be considered locus for changing the perception of the world around us? And social vivencias influence in teacher training? Does the chronological time and the tribulations of the modern world hinder the identity and vocational training d @ r @ Teacher? After all, what is the place of art in basic education? What is your locus / status in contemporary society? Plotting thus a conversation between theory and daily livings serving lever to the formation of the teacher who dwells in me.



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - <b>Thais do Amaral</b> , <i>Sem título</i> , fotografia digital, 2013.....	21
Figura 2 – <b>Thais do Amaral</b> , <i>Sem título</i> , fotografia digital, 2010.....	23
Figura 3 – <b>Thais do Amaral</b> , <i>A máquina de cortar o tempo</i> , fotografia digital, 2010.....	26
Figura 4 – <b>Thais do Amaral</b> , <i>Sem título</i> , fotografia analógica, 2013.....	27
Figura 5 – <b>Thais do Amaral</b> , <i>Sem título</i> , fotografia digital, 2012.....	32
Figura 6 – <b>Thais do Amaral</b> , <i>Sem título</i> , fotografia digital, 2013.....	36
Figura 7 - <b>Thais do Amaral</b> , <i>Sem título</i> , fotografia digital, 2014.....	37

## SUMÁRIO

1. INICIANDO A NOSSA CONVERSA.....	11
2. O QUE A ARTE TEM A VER COM O ENCONTRO.....	18
3. OLHOS PRA QUE TE QUERO?! .....	23
4. AS ATRIBUIÇÕES DO MUNDO MODERNO.....	29
5. EU, EU MESMA E OUTROS “EUS”.....	32
6. E A ARTE CABE ONDE NO MEIO DISSO TUDO?.....	35
7. DA LAGARTA A BORBOLETA: A FORMAÇÃO DA ARTE/EDUCADORA.....	39
8. TENTANDO ARREMATAR O INFINDÁVEL.....	41
 BIBLIOGRAFIA.....	 43

## INICIANDO A NOSSA CONVERSA

Pelotas, julho de 2014.

Caro amigo leitor, para começo de conversa eu contarei como tudo começou...

Completei o ensino fundamental em uma escola pública perto de minha casa, no interior de Canguçu. Nascida em Pelotas, fui morar muito cedo na cidade vizinha, numa localidade denominada Coxilha dos Campos, lá comecei o ensino fundamental em 1995, numa escola onde conheci Mirta. E tu logo vais entender porque começo falando dela, uma pessoa incrível, professora de Artes e que depois foi minha professora.

Logo no início começamos uma relação de amizade muito forte, ela sempre me convidava a participar das atividades extraclases que promovia na escola, assim como nos preparativos para os acontecimentos artísticos. Quando passei para 5ª série a amizade se firmou ainda mais, pois passei a ser sua aluna na disciplina de Educação Artística (denominada assim na época).

Mesmo a professora Mirta sendo muito querida na escola e na comunidade, ninguém levava muito a sério as aulas de Artes, que muitas vezes, eram usadas para preparar e ensaiar os eventos da escola. No entanto, eu sempre estava ali ao lado dela, pois a admirava e a admiro muito pelo seu talento, comprometimento e sensibilidade como pessoa, e eu sabia o quanto aprenderia com ela. Estudava pela manhã e, muitas vezes, voltava à escola no turno da tarde para ajudar a professora.

Ali começava a minha relação com as Artes, pois via muitas coisas através dessa professora, via que ela estava sempre estudando e buscando se aperfeiçoar e que seus trabalhos eram realizados com amor, dedicação e perfeição. Então passei a gostar do assunto e sempre dizia a ela que faria Artes Visuais, mesmo quando ainda não tinha noção da amplitude desse curso.

A minha família sempre me incentivou na busca pelo conhecimento, a estudar o que eu gosto, por mais que não entendessem bem o porquê dessas escolhas. Após acabar o ensino fundamental, fui fazer magistério no Colégio Franciscano Nossa Senhora Aparecida, em Canguçu, onde me formei em 2007. Ali, eu não sabia ao certo se a docência era o que eu queria, pois a minha falta de experiência e timidez me assustavam um pouco. Então com o estágio e todas as práticas pedagógicas fui me achando e aceitando o “nascimento de uma educadora”. Entendi que isso se dá de forma lenta e gradativa.

No meu estágio do curso de magistério, um período de 6 meses lidando com pré-alfabetização em uma escola do interior de Canguçu, tive a oportunidade de conviver e aprender, para além das crianças e da professora titular da turma, com uma pessoa que passei a admirar muito, outra arte/educadora que encontrei pelo caminho, a professora Gládis, que dava aulas para uma turma de pré-escola. Essa professora me acolheu e nossas ideias compartilhadas “no cafezinho” do intervalo eram voltadas aos modos de alfabetizar e desenvolver conhecimento através da Arte.

Foi nesse período que entendi o quanto me fazia bem compartilhar/trocar algum conhecimento com o próximo. Foi uma experiência muito gratificante receber crianças que não sabiam segurar um lápis, com a pura inocência da infância de crianças do campo, que muitas vezes têm como espelho os pais analfabetos ou semianalfabetos, e ao final perceber a maioria lendo e escrevendo. E o que me deixava mais feliz: eu que me achava tão imatura e insegura, tinha ajudado no desenvolvimento daqueles serezinhos no começo de suas trajetórias como estudantes!

Depois que me formei, com a dificuldade de conseguir emprego onde morava, tendo apenas um curso de nível técnico, acabei trabalhando em outras coisas, mas sempre com a vontade de estudar Artes Visuais. Eu nem sabia bem do que se tratava, não sabia ao certo o que me chamava a atenção, tinha pouco contato com o assunto, mas muita sensibilidade a todas as manifestações artísticas com as quais tinha contato. Muitas vezes não se tratavam de manifestações artísticas propriamente ditas, mas de um olhar sensível aos pormenores do dia a dia, da vivência no campo, no interior de uma cidadezinha pacata.

Provavelmente, meu caro leitor, tu deves estar te perguntando isso, mas eu afirmo: - Não “caí de paraquedas” no curso! Intimamente eu sabia, desde cedo, que era na faculdade de Artes Visuais que eu gostaria de chegar e, as vezes, parecia que isso não iria acontecer. Isso pois, sair do interior onde eu morava para estudar, não é coisa muito fácil nem aceitável por todos, ainda mais para estudar Artes. Acaba-se ouvindo aqueles comentários: ...mas porque Artes? Para que serve isso, guria?! Porque é mais fácil de entrar nesse curso, né? Nessas horas sempre respirava fundo e apesar de soar como uma resposta desrespeitosa, respondia: - Na verdade é o que eu sempre quis!

Depois de trabalhar em livrarias, lojas e fábricas, em 2010 ao fazer vestibular, eu não titubeei em optar pelas Artes Visuais. Mas novamente eu me deparei com a dúvida sobre a docência, não se eu queria, mas se eu seria capaz de me tornar de verdadeiramente professora. Isso, pois essa palavra tem uma carga muito forte e nem todos que assim se denominam têm a força que julgo necessária para suportar as suas dores e amores. Então eu decidi estudar e ver no que daria.

E cá estou a escrever o meu trabalho de conclusão de curso em Artes Visuais – Modalidade Licenciatura, num formato tão íntimo como o das cartas, dividindo com os leitores os motivos e inquietações que me levam a essa escrita. A minha escolha pelo gênero epistolar, das cartas, se deve ao meu encontro com Mário Osório Marques (2000). Em seu livro “Escrever é preciso - princípios da pesquisa” o autor coloca, logo no começo, que a carta é a forma de comunicação intersubjetiva direta em que o destinatário é incerto, mas que esse estilo de escrita, a distância, é sempre governado por relações interpessoais. Além disso, ele argumenta que o princípio da pesquisa se dá na escrita, sem perda de tempo, pois para ele é o ato de escrever que desenvolve, conduz, fecunda e disciplina a pesquisa.

Na folha em branco, a simples possibilidade da escrita a faz suporte da leitura de um leitor virtual, e assim surge do outro lado uma mudez que pode intervir a qualquer momento, interagindo comigo no meu escrever. É exatamente a possibilidade de uma provável intervenção o que me encanta nas cartas.

Nesses últimos momentos do percurso na graduação surgiram vários percalços na minha vida. Na verdade, além disso, surgiram aflições, sentimento

de pouca produção, de impotência, certa sensação de incertezas, como se o futuro não fosse mais tão atraente como pareceu. O que eu tanto almejei no trajeto dentro das Artes Visuais em alguns momentos pareceu desbotado, como aquelas imagens antigas, imagens que quase me convenci existir apenas no plano dos sonhos. Mas amigo, vou te contar, são momentos difíceis, dá vontade de gritar, pois a impotência me faz sentir como um grãozinho de areia que se contorce em meio a imensidão do deserto, o qual aguarda a ventania chegar e levá-lo irremediavelmente a qualquer destino incerto. Sempre penso que se não paramos para refletir o vento nos arrasta com força irrefutável.

Eu precisava desabafar, e sempre gostei desse tête-à-tête que a carta proporciona, em outros momentos da vida até escrevia cartas de desabafo, cartas a ninguém, sempre achei esse gênero textual muito atraente, pois nos aproxima de uma conversa menos fria e ponderada. Através das cartas me sinto perto de ti, que está aí do outro lado lendo e imaginando um cenário possível para os meus trajetos, encontros e desencontros.

As cartas que a ti dirijo versarão em sua essência sobre Arte Relacional, percursos e inquietudes de um ser em formação. O que busco é que eu e tu possamos entender como as vivências, as memórias, os imaginário e as reflexões influenciam na formação de uma arte/educadora.

E aqui cabe uma explicação sobre um conceito que talvez desconheças, o de Arte Relacional. Para Nicolas Bourriaud (2009, p.19) Arte Relacional é "uma arte que toma como horizonte teórico a esfera das relações humanas e seu contexto social mais do que a afirmação de um espaço simbólico autônomo e privado". Tal conceituação amparou-se ainda na produção de artistas que se tornaram referência nos anos 90. Essa linha de pensamento busca entender a Arte, como estado de encontro em suas relações com a sociedade, com a história e com a cultura.

Acredito que possas estar pensando: - E por que essas cartas são relevantes ao curso e importantes na conclusão do mesmo? Penso que colocar-se à disposição da aprendizagem e da mudança através de reflexões acerca do que foi experienciado, no começo da vida docente e final de etapa acadêmica, são atitudes de um ser que busca através da sensibilidade trazida pelos estudos na área de artes um entendimento dessa metamorfose de tornar-se arte/educadora.

Tendo como base as implicações de caráter identitário e profissional que assolam muitos dos estudantes licenciandos em Artes Visuais nesta etapa de estudos, esse trabalho torna-se relevante como registro de uma experiência vivenciada e reflexão construída processualmente ao longo do percurso vivido por mim, e que convida à reflexão poética e teórica a ser constituída com um receptor aberto a discussões e considerações, como requer um ser em formação. Com as cartas que seguem, tenho como objetivo tecer reflexões e calcar discussões de cunho social, filosófico e artístico acerca de vivências e inquietudes que assolam, aceleram e desaceleram, uma docente em formação.

Sabe amigo, nos últimos tempos tenho perdido o sono com algumas perguntas que pipocam dentro de mim, e sobre as quais falarei aos poucos, ao longo de nossas cartas. Dentre outras, quero colocar para ti essas aflições: Será que o curso de Artes Visuais pode ser considerado locus para a alteração da percepção do mundo a nossa volta? E as vivências sociais influenciam na formação docente? Será que o tempo cronológico e as atribulações do mundo moderno atrapalham na formação identitária e profissional d@ profess@r? Afinal, qual é o lugar da Arte na educação básica? Qual o seu locus/estatuto na sociedade contemporânea?

Pretendo nas cartas que constituirão este TCC, discutir as minhas ideias sobre tais questões, resultantes dos meus diálogos com alguns autores. Além de Marques e Bourriaud, também conversei com Stuart Hall (1999), e Zygmund Bauman (2011), que me ajudam a discutir questões acerca da formação identitária num *mundo líquido*.

As mudanças sociais estão causando transformações na formação identitária dos sujeitos. E uma das causas disso é a chamada por Hall de modernidade tardia, que conversa com o conceito denominado por Bauman de mundo líquido. As discussões travadas destacam o fato das relações interpessoais estarem cada vez mais descartáveis, o conceito de mundo líquido aplica-se, pois tudo está sempre em constante mudança, onde nada é feito para durar e poucas são as relações interpessoais “sólidas”. É a geração das incertezas e do individualismo, e como isso afeta um ser em formação é o que trarei para as nossas discussões nesse trabalho.

Como suporte teórico que me ajudará a costurar as cartas/reflexões eu conto com Marie-Christine Josso (2004). Josso nos fala que “a construção da

história de vida a partir da ponderação crítica sobre a própria experiência nos torna objeto e sujeito da formação” (BRANDÃO, 2012, p.62). Portanto, ela é fundamental para que eu consiga alinhar as questões norteadoras da pesquisa assim como exercícios autoformativos.

A metodologia utilizada para a construção desta pesquisa, de ordem qualitativa, prevê: o levantamento bibliográfico sobre os temas em questão; narração do vivido; reflexão crítica sobre as inquietantes e norteadoras questões dos percursos do vivido como resultantes da minha formação experiencial; análise dos impactos dos fatos mundanos sobre os processos educativos que desenvolvo; escrita da monografia.

Com esta investigação busco através do confronto com as ideias dos teóricos já citados, buscando amparo na memória e reflexões sobre os trajetos percorridos, analisados à luz dos mesmos, responder as questões que norteiam o trabalho, tramando uma conversa entre a teoria e as vivências cotidianas que servem de alavanca para a formação da professora que em mim habita.

E para organizar o pensamento, procurando estabelecer um nexos entre as nossas cartas, meu caro leitor, além desta, introdutória, o trabalho segue o seguinte planejamento:

✓ **O que a arte tem a ver com o encontro...**

Esse capítulo/carta explica o que é Arte Relacional de acordo com os conceitos de Nicolas Bourriaud, e está apresentado neste trabalho.

✓ **Olhos pra que te quero?!**

A segunda versa sobre o desenvolvimento do olhar poético e sensível da autora estimulado pelos estudos e práticas vivenciados no curso de Artes Visuais – Modalidade Licenciatura.

✓ **As atribuições do mundo moderno.**

Esta parte do trabalho trará a discussão sobre a correria da vida moderna e as consequências positivas e negativas à formação do ser social e do ser educador. Discussão pautada pelas ideias de Zygmund Bauman acerca do mundo líquido moderno.



✓ **Eu, eu mesma e outros “eus”.**

Nesta, problematizo sobre a formação identitária dos sujeitos contemporâneos, numa reflexão pautada pelos conceitos de identidade e de pós-modernidade apresentados por Stuart Hall.

✓ **E a Arte cabe onde no meio disso tudo?**

Esta carta foi elaborada a partir de questionamentos sobre os lugares da Arte na minha trajetória de começo de carreira a importância que as linguagens artísticas têm na escola e na sociedade.

✓ **Da lagarta a borboleta: a formação da Arte/Educadora.**

Nesta dialogaremos sobre o ensino da Arte e suas características contemporâneas, pautada numa reflexão sobre a metamorfose ocorrida no meu percurso de estudos da graduação em Artes Visuais e as práticas realizadas dentro e fora do mesmo.

Convido-te, caro amigo leitor, a participar da construção das reflexões as quais me proponho, de forma que possas me ajudar a travar esse diálogo através do qual faço o balanço da trajetória percorrida até chegar aqui e espero que alguma das minhas narrativas de vivências te atravesse de alguma forma.

## O QUE A ARTE TEM A VER COM O ENCONTRO...

Pelotas, setembro de 2014.

Caro leitor, nesta carta eu discutirei sobre Arte Relacional, um assunto que considero importante, diretamente relacionado à educação formal. Isso, pois essa linha de pensamento pode contribuir para inserção da Arte no cotidiano vivencial dos educandos, na busca da construção de conhecimentos mais pertinentes e em concordância com a realidade vivida. Para que possamos refletir juntos sobre o tema e suas repercussões na escola, trago as ideias/conceitos do teórico Nicolas Bourriaud.

Eu descobri que Bourriaud (2009) em seu livro “Estética Relacional” busca responder questões sobre os verdadeiros interesses da Arte Contemporânea, suas relações com a sociedade, com a história e com a cultura e esses conceitos vieram de encontro, ajudando a acomodar meus pensamentos e minhas aflições. E eu concordo com o autor quando ele coloca que em toda história da arte os campos relacionais estiveram presentes, em maior ou menor grau na medida em que a arte relacionava-se com o mundo. Porém, se nós formos refletir sobre as mudanças nos dias atuais a Arte se torna relacional à medida que, ainda mais do que estar em consonância com o mundo, faz relações diretas interpessoais.

Sabe meu amigo, penso que a Arte ampliou seu campo de relação com o mundo a medida que ele se modificou, se tornando cada vez mais tecnológico, informativo, dinâmico e criativo, explicitando claramente as inter-relações da arte com as demais áreas do conhecimento. E o que acontece no mundo passou a ser a matéria principal dos assuntos abordados pela Arte em sua gama inestimável de ramificações e possibilidades de encontros.

Em suas discussões Bourriaud destaca o fato de que hoje reconhecemos o grau de complexidade da realidade tecida pelas múltiplas experiências singulares geradoras de sentido. Digo-te que na verdade, de uma

forma mais simples de entendimento, o que Nicolas Bourriaud propõe com esse conceito é derrubar a barreira imaginária que existia entre arte e vida, acabando com o aspecto mágico e inalcançável da mesma. Propondo, ao contrário que, com a consideração da existência de um campo relacional, se abre um espaço de proximidade entre a obra e o espectador, como um lugar de relacionar-se e sentir-se do mesmo no mundo. A Arte confunde-se e funde-se com a vida através do espectador, que se faz instrumento de ligação entre o objeto artístico e a sociedade de uma forma geral. Isso, pois “arte é uma atividade que consiste em produzir relações com o mundo com o auxílio de signos, formas, gestos ou objetos” (BOURRIAUD, 2009, p.147).

Amigo, o que ressalto e como destaca o autor, é que a Arte se presta ao papel de inteirar o humano com o mundo em que vive, possibilitando aflorar a sensibilidade para vida, desacelerar e desanestesiá-lo. Algo que considero essencial se considerarmos viver em tempos cada vez mais automáticos e anestésicos, assunto sobre o qual conversaremos nas próximas cartas. Agora, vamos pensar juntos sobre algumas propostas da Arte Contemporânea e suas propostas dialógicas.

As obras de arte, hoje em dia, nos propõem diálogos sobre inúmeros assuntos, de diversas ordens sociais, geralmente assumindo uma postura de crítica. Elas nos propõem reflexões sobre política, gênero, sexualidade, identidade, sociedade e uma infinidade de temas que nos atingem enquanto membros de uma sociedade em um contexto geral e gerador de discussões. Porém, para além do assunto pautado pela obra, está a nossa percepção dessa mesma obra, a minha relação íntima com ela, a tua relação íntima com ela, afinal, somos seres distintos e cada um de nós carrega uma bagagem social e cultural de experiências vivenciadas de formas diferentes.

Por exemplo, como te contei na carta introdutória deste trabalho, meu desenvolvimento, até os vinte e poucos anos, foi no interior de uma cidadezinha provinciana, portanto minha percepção talvez destoe muito da de outra pessoa que tenha se desenvolvido em uma grande metrópole. Isso, pois a identidade é formada através das vivências sociais (HALL, 1999) e “a arte mantém juntos momentos de subjetividade ligados a experiências singulares, sejam as maçãs de Cézanne ou as estruturas listradas de Buren” (BOURRIAUD, 2009 p. 27).

A Arte, no meu entender, possibilita o nosso despertar sensível para o mundo, sendo que a percepção de cada indivíduo dependerá das vivências particulares e suas consequências. Segundo Bourriaud “a atividade artística constitui não uma essência imutável, mas um jogo cujas formas, modalidades e funções evoluem conforme as épocas e os contextos sociais” (BOURRIAUD, 2009 p.15). É possível concluir, portanto, que a obra não tem em si algo estagnado, a ser tomado como verdade absoluta, mas a mesma deve ser analisada também em relação a seu contexto social de inserção.

É claro que se deve estudar e levar em consideração o contexto social de criação da obra e, inclusive, de vivência e de condição de desenvolvimento do artista, também sua condição no momento de criação, sem esquecer, porém, que a Arte sempre se presta a evolução que acontece juntamente com o pensamento de determinada sociedade. Por exemplo, podemos olhar várias pinturas de centenas de anos atrás que podem discutir assuntos muito atuais se analisadas e fundamentadas nos contextos sociais presentes. Acontecia muito comigo, quando no começo do curso de Artes Visuais, encantava-me com a suposta sagacidade do artista que pareceu prever uma situação futura, que no caso surge hoje no contexto em que nós, atores sociais, nos encontramos.

Logo, caro leitor, Nicolas Bourriaud defende a ideia de que o artista se vale de habitar as circunstâncias presentes de modo a provocar a nossa sensibilidade e intelecto, e assim ele cria para sua proposição artística um universo duradouro. A Arte Relacional, então, mais do que propor um universo simbólico, trabalha essencialmente com as relações interpessoais e contextos sociais.

Vou te contar que a grande ideia que aflora em mim a partir de Bourriaud é a de que a Arte é um estado de encontro. Propus essa carta me apegando a essa ideia, porém também te convido a pensar em Arte de uma forma mais ampla, não apenas na dos museus e galerias, mas na arte das ruas, presente nas salas de aula ou em um simples reflexo em uma xícara de chá, percebido de forma estética em uma manhã de conversa entre amigas (Fig.1).



Figura 1: **Thais Amaral**, *Sem título*, fotografia digital, 2013.

Analisando a Figura 1 na esfera do relacional e pensando na Arte de forma ampla, podemos entender a força estética de pequenas experiências que temos cotidianamente, assim como o reflexo de uma janela a ser “tomado” junto ao chá. A sensibilização do olhar para os detalhes de um mundo ordinário desenvolve a percepção e atrai a observação. Aproxima aquilo que atrai os olhos, gerando encontros improváveis, sem que muitas vezes possamos entender essa relação mútua de atração. São encontros que acontecem na vida real, no cotidiano e que nos ligam à vida em sociedade de modo mais sensível e perceptivo, muitas vezes nos conectando a nós mesmos de maneira que nos sintamos sendo honestos conosco.

Dessa forma, querido leitor, me proponho nas próximas reflexões de maneira que nessa linha de pensamento conversaremos sobre algumas vivências e trabalhos como experiência estética relacional. Convido-te a tecer essas relações também com um ensino de arte mais aberto a discussões latentes, próximas do cotidiano social em que os alunos e professores estejam envolvidos.

## OLHOS PRA QUE TE QUERO?!

Pelotas, setembro de 2014.



Figura 2: **Thaís do Amaral**, *Sem título*, fotografia digital, 2010.

Prezado leitor, te apresento a imagem que povoa as minhas lembranças (Fig. 2) e que foi durante muito tempo a imagem real e vívida, sem a moldura e o congelamento temporal/visual causado por meio da fotografia, a imagem que provocava em mim reflexões. Esse foi o lugar “congelado” que eu trouxe, em um pequeno formato de arquivo, quando finalmente vim para Pelotas cursar Artes Visuais. Desde muito cedo em minha vida foi o desencadeador de profundas reflexões sobre diversos assuntos.

Era para lá que miravam meus olhos, quando sentada naquela pedra eu fugia para pensar, longe de todos. Não conseguiria descrever aqui em palavras o que essa imagem me remete, tenha a certeza que a muitas coisas. E esse

lugar está aqui na minha frente, através dessa imagem e dentro de mim em recordações e memórias de infância e juventude.

Ao olhar essa fotografia sinto-me sentada novamente ali, naquela pedra no interior de Canguçu e esse tempo de refletir volta-me, parece que entre aquelas árvores ao mirar o horizonte, posso perder meu olhar e fazer minha mente soltar-se em pensamentos e devaneios. Sobre essas imagens e o recorte desse lugar que apresento aqui coloca Brandão:

Depois do surgimento da fotografia, é impossível dissociar a imagem do ato que a gerou, a implicação do corpo no atestado de existência que ela fornece sobre aquilo que mostra. Com isso, quero ressaltar que a fotografia nunca é análoga ao real, mas, sim, resulta da percepção do real, como uma consequência do ponto de vista e da reação do sujeito fotógrafo aos fatos/objetos registrados. (BRANDÃO, 2012, p.39)

É assim, portanto, que essa imagem é transbordante de subjetividade. Ela ou o próprio lugar em si, não são belos para mim, hoje se tornaram pelo grau de afetividade que carregam, essa carga pelo fato de serem ou remeterem ao lugar onde cresci e que traz a lembrança de boas experiências. Das brincadeiras ao ar livre, da casinha no bambuzal, das correrias da criançada na volta da casa, dos gritos da minha mãe pedindo em tom ameaçador que tivéssemos cuidado com as flores do jardim, e nisso meu pai tinha razão de implicar, minha mãe não respeitava os limites do jardim, era difícil brincar de esconde-esconde sem quebrar as flores que ela espalhava por tudo.

Lembro-me das aventuras imaginadas para salvar o planeta empunhando nossas espadas de pau, galopando em um lindo alazão de crinas esvoaçantes. Ainda me recordo com nitidez nas imagens da memória do meu cavalo com sua pelagem marrom viçosa e sua crina negra, materializado na realidade por um simples cabo de vassoura. A sua missão se dava nas trilhas pelo mato que fazíamos em um grupo de crianças, eu era a mais nova de todos. Comigo estavam o mais velho de meus dois irmãos com cinco anos de diferença e mais uma meia dúzia de crianças da vizinhança que escondidos dos pais, travávamos batalhas com os inimigos que queriam dominar nosso planeta e derrotávamos a golpes de espada os pés de bananeiras inimigos.

Mas não era a beleza do lugar que me chamava a atenção, algo visual ali naquela imagem me prendia nos momentos difíceis como uma fuga do real, a medida que fui crescendo cada vez mais isso acontecia. É algo estético, não belo, um botão que liga sensações, uma experiência acionadora do mais profundo estado reflexivo. E eu sempre tive isso, experiências visuais que despertam para outras sensações, às vezes elas não são visualizações boas, mas perturbadoras. A essa sensação, graças aos estudos no curso de Artes Visuais, posso chamar hoje de experiências estéticas<sup>1</sup>.

Assim, em diversos momentos, ainda morando lá no interior me deparei com essas experiências, especialmente por ter um contato muito próximo com a natureza e a agricultura, mesmo que esse contato fosse cotidiano, muitas coisas que ninguém percebia me encantavam e traziam reflexões, mesmo antes de ter saído para estudar (Fig.3).



Figura 3: **Tháís do Amaral**, *A máquina de cortar o tempo*, fotografia digital, 2010.

Essa explicitação dos referenciais que marcam e que continuam a marcar nossa maneira de pensar é o primeiro passo para uma reflexão sobre o processo de conhecimento que acompanha o percurso de formação (JOSSO, 2010, p.201).

---

<sup>1</sup> Ideia pautada pelas aulas e nas leituras de teóricos ao longo do curso, assim como: Duarte Júnior (1988).



A velha máquina de cortar pasto, que hoje é apenas carcomida pela ferrugem, serviu de modelo para diversas imagens, de diferentes momentos e estações em que o cenário mudava completamente, nessa em especial. Gosto da relação do pasto seco ao fundo, que conversa com a velha máquina, cenário que ao meu ver mostra a condição perecível de tudo que existe e as mudanças ocorridas inclusive da vida no campo. Essas imagens têm diferentes significações de acordo com o momento em que as olho e com certeza terá outras tantas significações e subjeções a outra pessoa que a olhe. Sobre o assunto, Brandão nos coloca em sua tese:

Percebo que as imagens fotográficas são capazes de pré-formar em seu interior uma experiência posterior; nelas vejo-me, (re)construo-me a cada mirada. Elas são partes fundamentais da minha história, graças à capacidade de se independizarem das vivências e dos sentimentos dos seus criadores. Seja nos álbuns ou distribuídas nos porta-retratos que se multiplicam ao meu redor, as fotografias se constituem em construções discursivas que precisam ser lidas, cotejadas e decodificadas (BRANDÃO, 2012, p.40).

E é a partir das lembranças dos trajetos de vida, que consigo traçar um paralelo sobre os rumos e as escolhas que fui tomando ao longo do processo de formação dentro e fora do curso de Artes Visuais, que tomam como acontecimento culminante o fim de uma etapa de estudos e que resultam nesse trabalho de reunião de reflexões.

Foi no ano de 2010 quando ingressei no curso de Artes Visuais - Modalidade Licenciatura que ao me deparar com a grade curricular, comecei a pensar na possibilidade do congelamento das minhas experiências estéticas através da fotografia. Naquele momento ainda não havia cursado a disciplina, mas logo nas primeiras semanas de aula comecei a participar do PhotoGraphein – Núcleo de Pesquisa em Fotografia e Educação, liderado pela professora Cláudia Brandão, minha orientadora nesse trabalho e minha professora naquele momento, na disciplina de Artes Visuais na Educação I. E destaco também esse encontro como crucial no meu percurso na graduação, pois a partir do encontro com Cláudia, que busca em seus trabalhos tanto nas disciplinas como no grupo, fazer com que reflitamos acerca dos nossos percursos, que despertei para a importância de tais questões para a formação

docente/humana. E mais tarde, em 2011, trabalhei com a professora Cláudia no grupo do PIBID III Geo – Artes<sup>2</sup>, mas sobre isso trataremos em outra carta.

Então, em 2010 comprei uma câmera fotográfica digital e decidi que registraria algumas dessas imagens provocadoras, pois dessa forma eu poderia olhar pra elas por mais tempo. Com as discussões do grupo e das aulas, as minhas imagens agora não eram congelamentos comuns, mas capturas de detalhes instigantes que geram interpretações subjetivas. Partindo daí surgiram os novos meios para materialização de um olhar sensível que nesse momento eu já sabia possuir (Fig. 4).

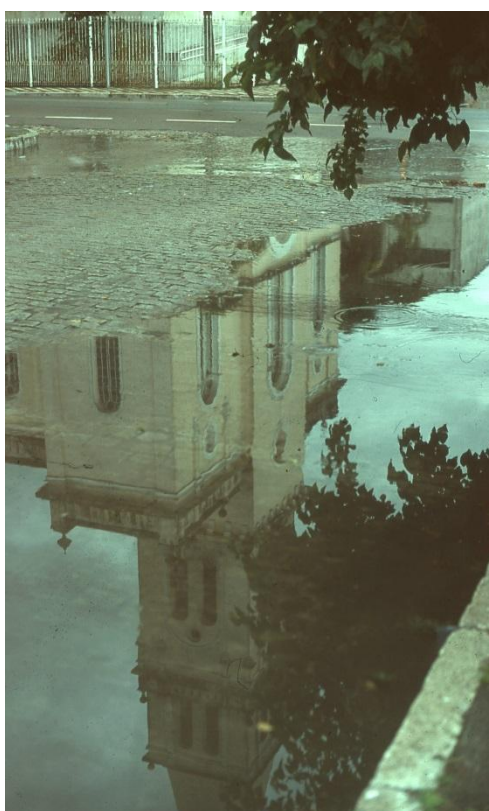


Figura 4: **Thaís do Amaral**, *Sem título*, fotografia analógica, 2013.

É portanto, meu amigo, que no meu entendimento o curso de graduação se tornou lugar/incubadora do desenvolvimento de uma semente de olhar sensível que já estava em mim. Os estudos na área e as vivências

---

<sup>2</sup> PIBID é o Programa Interinstitucional de Bolsas de Iniciação a Docência, que tem o fomento da CAPES, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal em parceria com as universidades brasileiras. O Programa tem como objetivo a inserção de alunos licenciandos em escolas da rede pública para trabalhos interdisciplinares. O PIBID III Geo – Artes, foi a 3ª edição do Programa na Universidade Federal de Pelotas e primeira versão no curso de Artes Visuais, o grupo Geo – Artes era formado pelos cursos de Artes Visuais, Dança, Música e Geografia.

interpessoais proporcionadas pelo meio acadêmico, me fizeram mudar o olhar perceptivo acerca do mundo em seus pormenores. Assim também o contrário é verdadeiro, as vivências fora da academia me permitiram um saber lidar com situações de stress que surgem ali o tempo todo. Apego-me dessa vez aos aconselhamentos de Josso, quando diz das aprendizagens relacionais:

Agrupo nessa categoria o conjunto de atividades relativas as convivências: convivência inseparável de uma ética entendida como arte de se comportar nas relações com os outros. Há de um lado, em qualquer contexto, as aprendizagens das relações entre gerações, entre homens e mulheres, entre pares, as relações hierárquicas e as de poder; de outro lado, relações específicas em contextos tão diversos como a família restrita e ampliada, a profissão, as associações de interesse, as relações de permutas, de vizinhanças, as relações de amizade, o contato com outras culturas (JOSSO, 2010, p. 200).

Acredito no fato de que grande parte da formação acadêmica não se dá na sala de aula “estudando”, ou nas pesquisas teóricas em casa, mas em tudo que permeia tais práticas, nos encontros e desencontros, nas conversas do café na hora do intervalo, no convívio com o pessoal do Acre e da África, nas amizades para toda vida, nas decepções, na formação da autonomia, nos pitacos dados nos trabalhos acadêmicos do irmão e vice-versa. Pelo menos a reflexão que faço da minha formação se dá e está se dando dessa forma. A formação é por inteiro, é social e ao mesmo tempo subjetiva, é colaborativa e se vale de diversos instrumentos, desse modo:

Podemos também projetar-nos, identificar-nos e introjectar aspectos daquilo que o sensível nos convida a ver, a sentir, a pensar, a fazer, etc.. Há ainda uma dinamização e uma invenção de si em novas perspectivas e em novas formas; a arte torna-se, assim, uma das vias do conhecimento. Essas formas do sensível são a melhor ilustração possível do paradigma do singular plural. De fato, elas são uma maneira de dar vida e de dar forma a uma sensibilidade ou sensibilidades. (JOSSO, 2006)

Como destaca Josso, usar a parte sensível, fazendo um mergulho no seu próprio íntimo é essencial e importantíssimo no conhecimento de si próprio.

## AS ATRIBUIÇÕES DO MUNDO MODERNO

Pelotas, outubro de 2014.

*O tempo*

*A vida é o dever que nós trouxemos para fazer em casa.*

*Quando se vê, já são seis horas!*

*Quando se vê, já é sexta-feira!*

*Quando se vê, já é natal...*

*Quando se vê, já terminou o ano...*

*Quando se vê perdemos o amor da nossa vida.*

*Quando se vê passaram 50 anos!*

*Agora é tarde demais para ser reprovado...*

*Se me fosse dado um dia, outra oportunidade, eu nem olhava o relógio.*

*Seguiria sempre em frente e iria jogando pelo caminho a casca dourada e inútil das horas...*

*Seguraria o amor que está a minha frente e diria que eu o amo...*

*E tem mais: não deixe de fazer algo de que gosta devido à falta de tempo.*

*Não deixe de ter pessoas ao seu lado por puro medo de ser feliz.*

*A única falta que terá será a desse tempo que, infelizmente, nunca mais voltará.*

*Mario Quintana*

Começo nossa carta com esse poema de Mário, porque há muito penso nisso. Inclusive hoje, há alguns minutos atrás, ao tentar escrever nessa madrugada, depois de ter trabalhado e preparado minhas aulas ao chegar em casa, pensando de hora em hora que me resta cada vez menos tempo antes de iniciar mais um dia da cansativa jornada de quarenta horas em duas classes

de Currículo por atividades, onde ministro todas as disciplinas e sabendo da energia que as crianças de hoje têm, a energia das crianças que sempre penso que não seriam capazes de carregar intacto na mochila, o tinteiro de vidro das histórias do tempo de escola da minha mãe... Às vezes me pego lamentando o tempo que não dormi, o tempo “perdido” e lamento ainda mais quando caio no sono ao invés de escrever ou organizar alguma coisa ou ainda quando vou sentar na sombra para tomar um chimarrão com as pessoas queridas: - Eu deveria era estar trabalhando...

Eu nunca posso, e a justificativa é: falta de tempo, deixo tudo que puder adiar pra quando tiver um tempinho. Ele é o eterno culpado, me sinto escrava dele, dos prazos, das correrias, das responsabilidades e o tempo só voa, escapando do alcance. Agora ao refletir aqui contigo, penso que num futuro eu direi como no poema, não agora ainda jovem prisioneira, mas com a verdade de quem gozou muitos anos de vida, alegrias e tristezas que *“se me fosse dado um dia, outra oportunidade, eu nem olhava o relógio. Seguiria sempre em frente e iria jogando pelo caminho a casca dourada e inútil das horas...”*.

Mas veja bem meu leitor, penso que é natural que tenhamos essas sensações acerca do tempo, tu também deves ter problemas com ele, no fundo de um jeito ou de outro todo mundo tem. Associo esses pensamentos sobre nossa sociedade e o tempo, as reflexões causadas pelo encontro que tive há um bom tempo com Bauman (2009), onde podemos refletir acerca do poder na era da modernidade e da liquidez, que não é mais aquele que se materializava na disciplina da fábrica fordista, ou na administração pública rígida. O objetivo geral não é mais impor à sociedade uma ordem rígida, mas simplesmente, através de uma aceleração compulsiva do tempo e do domínio do espaço, expor e “dar acesso” a todos os lugares do planeta por meio da globalização econômica do mercado capitalista. É, amigo, podemos perceber que hoje vivemos de forma homogeneizada culturalmente, a sociedade é estruturada pelo consumo e o imaginário do indivíduo é formatado pela lógica global capitalista. Bauman traz a discussão:

[...] ter e apresentar em público coisas que portam a marca e/ou logo certos e foram obtidas na loja certa é basicamente uma questão de adquirir e manter a posição social que eles detêm ou a que aspiram. A posição social nada significa a menos que tenha sido socialmente reconhecida – ou seja, a menos que a pessoa em questão seja

aprovada pelo tipo certo de “sociedade” (cada categoria de posição social tem seus próprios códigos jurídicos e seus próprios juizes) como um membro digno e legítimo – como “um de nós” (BAUMAN, 2009, p. 21).

Acontece que trago esse assunto não apenas para me justificar, mas para que possamos refletir sobre o que isso acarreta na formação indenitária dos sujeitos, será que o formato da sociedade atual que afeta nas nossas relações com o tempo ou as novas relações de tempo e espaço transformaram a sociedade?

O ritmo da vida anda tão acelerado que hoje me peguei refletindo sobre isso de forma mais dura, ao dar-me conta que um amigo, o qual eu gosto muito, morreu aos 29 anos, vítima de um infarto, na semana passada. Eu atarefada prometia a ele uma visita para colocarmos o papo em dia, o que não deu tempo. Só hoje percebi que fui as cerimônias fúnebres de forma automática. Sem muito dar-me conta do que havia acontecido voltei ao ritmo frenético do dia-a-dia. Hoje ao voltar para casa do trabalho, quase uma semana depois do sepultamento, enquanto olhava a cidade passar aos borrões pelo vidro do carro e cansada recostava a cabeça no banco do veículo, eu me senti verdadeiramente triste, engolia os nós da garganta, quando comecei a chorar com a respiração ofegante e soluços de profundo pesar. Pedi a meu namorado, que preocupado dirigia e olhava sem entender o porquê das lágrimas, que não parasse o carro porque eu precisava chegar em casa para fazer minhas coisas. Foi quando percebi, que assim como eu, hoje as pessoas não têm tempo de sofrer nem mesmo a dor do luto, porque o mundo não para, para juntarmos nossos próprios cacos.

Por mais que possamos pensar que isso é positivo de forma que não nos faz sofrer tanto, a correria do mundo moderno deixa tudo mal “curado”, mascara a dor sobrecarregando o nosso “HD interno”, mais adiante, em algum momento, as dores e mágoas se somam acarretando nas doenças modernas, como depressão, stress, hipocondria. Dei-me conta também que a morte está presente na vida, de forma sutil e ao mesmo tempo convicta que subsiste nas palavras, assim como o passado na memória.

Às vezes sinto que a vida nos sacode pra cá e pra lá como passageiros de um ônibus sem bancos, descendo uma ladeira esburacada e cheia de

curvas, muitas vezes somos jogados para fora, outras somos jogados uns contra os outros causando muita dor, mas ele não para, segue sempre pela estrada mesmo com suas intempéries, não dando a oportunidade de pararmos, nem desacelerando para nos proteger ou para que possamos pensar nas nossas atitudes.

Sabe, caro leitor, tudo tem me afetado visto que somos seres em permanente formação, ao ler os conceitos de Stuart Hall (2002):

A assim chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social (HALL, 2002, p.07).

Esses conceitos combinam com as ideias de Zygmund Bauman (2009), penso na formação e transformação das identidades nesse contexto, onde os indivíduos não possuem mais padrões de referência, nem códigos sociais e culturais que lhes possibilitassem, ao mesmo tempo, construir sua vida e se inserir dentro das condições de cidadão. Segundo Bauman (2009) os indivíduos não possuem mais lugares pré-estabelecidos no mundo onde poderiam se situar, mas devem lutar livremente e individualmente por sua própria conta e risco para se inserir numa sociedade cada vez mais seletiva econômica e socialmente.

## EU, EU MESMA E OUTROS “EUS”.

Pelotas, novembro de 2014.

Quero te contar que meus reflexos me prendem e me libertam ao mesmo tempo, como entidade espectral... Fascina-me essa descoberta através da imagem distorcida da reflexão ou da sombra que traz meu próprio eu de alguma forma e junto com ele clareia minhas fases e descobertas de mim.

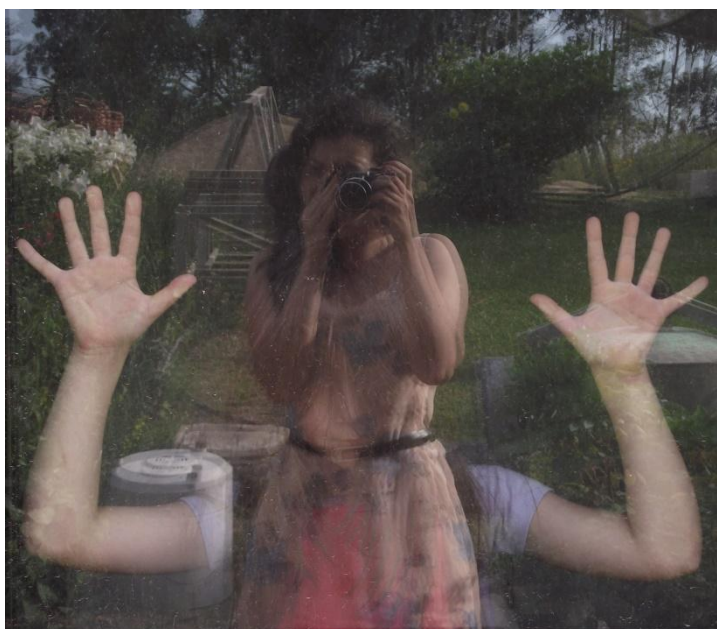


Figura 5: **Thais do Amaral**, *Sem título*, fotografia digital, 2012.

O reflexo me intriga, assim como a sombra, e me fala muito de identidade, de forma figurada a sombra tenta esconder, penso nela como as obras do subconsciente que sabe das coisas, antes que tenhamos a luz delas, ou como algo que nos prende assim como no Mito da Caverna de Platão. O reflexo exprime de alguma forma o que coletamos do meio e devolvemos a ele. Sempre presto atenção nesses dois, na sombra e no reflexo, não como Narciso que se admira da sua beleza, mas com olhos de alguém que busca se conhecer, pois compreende que o humano é complexo e falho e que deve o



tempo todo na medida em que se modifica ir “polindo as arestas” para o bem viver ao lado de todos em sociedade, pois só podemos ter certo controle daquilo que conhecemos muito bem.

Amigo, sempre refleti sobre minha trajetória de formação humana e agora quando me deparo com a conclusão de uma etapa, profundamente reflito sobre minha formação enquanto profissional e pude perceber que existe algo mais amplo por trás de tudo. Não se dá dessa forma apenas a formação profissional ou de novas visões, mas percebi que existe uma identidade que também se forma, reforma e se molda em meio a sociedade e muitas vezes sob o caos social. São mudanças e inquietudes dos grupos que fazem parte do contexto em que vivemos e nos afetam a todo instante. Percebo dessa forma que as identidades não são duras, mas mutáveis, que estão em constante metamorfose de acordo com o que vai surgindo nas nossas relações com a sociedade moderna.

Ao deparar-me com leituras das ideias de Stuart Hall (2001, p.7) onde diz que: “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado”, eu vejo a partir dele que isso introduz a nossa noção de crise de identidade como um processo de mudança. Mais que tudo, desloca a estrutura e processos que ocorrem nas sociedades modernas abalando as referências de estabilidade do mundo social pelo viés de que a sociedade está mudando cada vez mais no que diz respeito a todo tipo de relação, seja ela interpessoal, ou homem/tecnologia. Tal realidade afetou a formação identitária dos indivíduos que já não tem mais pontos fortes de referência. E trago tal pensamento atrelados aos conceitos de modernidade líquida de Bauman (2001).

Sabe, caro colega, estar em processo de formação implica um investimento pessoal, um trabalho de reflexão livre e criativo sobre os percursos e os projetos próprios, com vista à construção de uma identidade convicta, que é também uma identidade profissional. Tendo em vista que o professor é um indivíduo e que o indivíduo também tem muito do ser professor, identifico que o humano se forma nas nossas relações sociais, como nas condutas profissionais assimiladas para a vida em grupo. Portanto, partilho das ideias de Josso:

O trabalho de pesquisa a partir da narração das histórias de vida ou, melhor dizendo, de histórias centradas na formação, efetuado na perspectiva de evidenciar e questionar as heranças, a continuidade e a ruptura, os projetos de vida, os múltiplos recursos ligados às aquisições de experiência, etc., esse trabalho de reflexão a partir da narrativa da formação de si (pensando, sensibilizando-se, imaginando, emocionando-se, apreciando, amando) permite estabelecer a medida das mutações sociais e culturais nas vidas singulares e relacioná-las com a evolução dos contextos de vida profissional e social (JOSSO, 2010 p.28).

No caso da formação identitária de um professor, esses conceitos vão além, pois nesse caso é ser humano que lida e forma o humano e que encaminha para as aprendizagens. Portanto, o indivíduo vai produzindo sua identidade e nesse sentido vai formando também o ser professor, a medida que reflete, valoriza suas vivências, que ensina, que aprende e que se modifica em prol de seu melhoramento.

## **E A ARTE CABE ONDE NO MEIO DISSO TUDO?**

Pelotas, novembro de 2014.

Amigo leitor, uma das minhas primeiras aflições foi começar a procurar Arte e em um primeiro momento não encontrá-la em meio ao meu ambiente de trabalho. Parecia-me que eu estava fugindo ao verdadeiro propósito que me trouxe e que me traz até aqui, inclusive por me deparar novamente com a professora com a formação do magistério e ver latente as ideias trazidas pela graduação em Artes Visuais - Licenciatura.

Foi em junho de 2013 quando fui chamada para dar aulas de todas as disciplinas a uma turma de terceiro ano de séries iniciais do ensino fundamental em uma escola do Estado do RS, aqui mesmo em Pelotas, e lá cheguei cheia de falsas verdades sobre o ser professor. Deparei-me com uma realidade que eu não imaginava, até porque minhas experiências profissionais mais concretas haviam sido somente em uma escola do campo no interior da cidade de onde vim.

Vou te deixar a par da minha situação naquele momento, para que compreenda minhas aflições. Na minha turminha de doze alunos haviam nove laudos médicos, crianças de 8 a 15 anos. Tu debes imaginar como era difícil, e era o completo caos trabalhar com eles, pois além das limitações diagnosticadas pelo psiquiatra, ao qual eram encaminhados para tomarem suas medicações e amenizarem seus distúrbios e déficits de atenção, ainda provinham de famílias desestruturadas e marginalizadas e seus valores estavam completamente diluídos, assim como suas esperanças em um futuro com realidade diferente da que vivem. A falta de disciplina e de limites como um todo imperava naquelas crianças, eles juntos eram tão violentos que só conseguia enxergá-los como crianças em alguns momentos, naqueles olhares brilhantes e profundos. O tempo passava e o conteúdo não se desenvolvia, a maioria deles estava ainda com dificuldade no processo de alfabetização.

Ali, dividida entre a tentativa de conquistar e de ensinar alguma coisa àquelas crianças e as aulas de artes que eu assistia na faculdade, eu comecei a entrar em parafuso, queria ajudá-los e não sabia como. Foi quando comecei a pensar que no meio da correria eu tinha me perdido das artes e não tinha mais tempo para elas.

Contando minhas aflições, como te conto agora, a meus colegas das Artes Visuais na cadeira de estágio no ensino médio, o qual eu realizava no momento em outra escola da rede, no mesmo município, montamos um grupo colaborativo para encontrarmos a Arte e aproximá-los de alguma forma que pudéssemos tocá-los com alguma coisa o mínimo que fosse. Planejamos oficinas de pintura, e instrumentos musicais alternativos. Como estávamos já no final do ano não pudemos dar a continuidade que eu gostaria aquele trabalho, é claro que não foi nada fácil, no começo eles se mostraram interessados e dispostos, sendo que os mais agitados se mostraram com grande interesse e concentração, porém depois de algum tempo tudo se transformou em motivos para brigas e até os instrumentos viraram armas, pois utilizavam os materiais para se agredirem mutuamente.



Figura 6: **Thais do Amaral**, *Sem título*, fotografia digital 2013.

Ali eu me sentia impotente e olhava a escola como quem procura algo perdido. Tudo que eu não via era Arte, eu não conseguia inseri-la concretamente ali e eu precisava vê-la no meu cotidiano para ver sentido na

minha formação e da mesma forma, não penso a criança, minha aluna no momento, sem uma dimensão humana que pesa as diferenças e vivências de cada uma no processo de aprendizagem.

Nesse compasso eu fui me aproximando de algumas reflexões e principalmente do desafio que é educar nos dias atuais e de que cada aluno é um universo diferente e de que nas enturmações propostas na escola, cada universo desses, pensado no contexto do mundo líquido da sociedade contemporânea, se mescla a outros tantos universos que funcionam de formas diferentes por estarem agrupados.



Figura 7: **Thais do Amaral**, *Sem título*, fotografia digital, 2014.

A medida que o tempo em que atuo com todas as disciplinas alocada as series iniciais vai me dando experiência, não paro de pensar em formas de ensinar “artistando” o que mostra a imagem de uma das aulas em que fizemos os comes e bebes, como coloca Corazza:

Docência artística, portanto, que nos convoca a trabalhar na materialidade da cultura. Educar, artistando. Diferenciar, arriscando-se. Usufruir do prazer de criar, sem nos considerar nunca uma obra de arte acabada. Assumir o risco de educar, sem deixar que as ilusões fechem os horizontes sociais, nos empurrem para o conservadorismo, ou violentem a heterogeneidade da infância. (CORAZZA, 2001 p. 20)

Penso que o educador precisa cultivar as diferenças, criando oportunidades para ampliar os conhecimentos, ampliando a convivência, desenvolvendo a criticidade e a sensibilidade na formação do aluno de modo que o sensível e o inteligível se completam. Duarte Jr. (2001) coloca que o inteligível e o sensível foram cada vez mais separados entre si sendo considerados setores incomunicáveis da vida, onde as significações se davam a partir dos modos lógico-conceituais.

Assim fica claro que tais questões precisam ser contempladas na formação do professor de Arte instigando-o a desenvolver um conhecimento crítico e reflexivo sobre si mesmo e frente a diversidade de valores e culturas que envolvem a sua profissão. Portanto, as relações interpessoais no contexto educacional devem ser abordadas considerando-se os aspectos socioculturais e o fazer investigativo proporcionando uma base sólida ao professor em formação, isso no sentido de que o aluno é a razão de ser do professor e esse é carregado de subjetividade assim como o a profissional que vai nascendo em meio a erros e acertos. Diante dessa realidade é necessário que a formação do educador seja voltada para uma educação problematizadora, onde o docente se desenvolva de forma criativa, crítica, sensível, sendo também um agente do próprio processo formativo.

## **DA LAGARTA A BORBOLETA: A FORMAÇÃO DA ARTE/EDUCADORA.**

Pelotas, novembro de 2014.

Escrevo agora para te contar do quanto mudei. Hoje eu posso dizer que sou uma professora em formação. Eu deixei o receio de lado e agora me permito usar essa palavra sem remorso, professora sim, eu sou professora. Hoje posso dizer-te do meu processo de formação e exercício da profissão:

Docência que, ao exercer-se, inventa. Re-escreve os roteiros rotineiros de outras épocas. Desenvolve a artistagem de práticas, que desfazem a compreensão, a fala, a visão e a escuta dos mesmos sujeitos e saberes, dos antigos problemas e das velhas soluções. Dispersam a mesmice e fazem diferença ao educar as diferenças infantis. Uma artistagem de ordem poética, estética e política, derivada dos sobressaltos e alegrias de trabalhar nas fronteiras entre as disciplinas, os sujeitos e os não-sujeitos, os sentidos e os sem-sentidos. Docência de um artista, que promove o auto-despreendimento, implicado no questionamento dos próprios limites, que renova e singulariza o seu educar (CORAZZA, 2002, p.17 )

Como te contei na carta introdutória, percebo que foram alguns motivos especiais que me fizeram escolher a educação e as Artes Visuais. Entretanto, mais forte do que esses motivos foram as pessoas com quem cruzei pelo caminho, sempre era alguém que lá no meu íntimo servia de motivação, de exemplo a ser seguido, relações com o meio e com outras pessoas que me levavam a outros lugares e até mesmo a fortalecer minhas convicções.

Para te contar uma das experiências que tive no curso de graduação eu destaco a minha participação no PIBID. Além da bolsa de fomento da CAPES que obtive durante bom tempo, tivemos enquanto grupo um enorme ganho no sentido experiencial, de lidar com outras áreas e estar inseridos em escolas para aplicarmos os projetos e partilhar dos conhecimentos dos professores já atuantes. Por mais difícil que fosse, pois era a primeira edição do programa no curso de Artes Visuais UFPEL, essa foi uma das experiências que posso destacar pela relação dos conhecimentos de conteúdos da área serem

significativos nessas lembranças, principalmente, pelas convivências interpessoais.

Leitor, eu destaco como ponto importantíssimo ainda o encontro com outra educadora, desta vez já na graduação, a professora Claudia Brandão. Professora de algumas disciplinas, líder de grupos de estudos, orientadora desse trabalho, do PIBID Artes Visuais em sua primeira versão, e minha conselheira em diversos momentos. É, amigo, penso que nada se dá por acaso nas nossas vidas. E no processo de formação penso que se deve parar para tentar perceber o que nos traz até onde chegamos, pois nos constituímos na relação com o outro e no valor que atribuímos a isso. Assim o ensinar também é sinônimo de mostrar um caminho, dar possibilidades para o outro conhecer, apreender, saber. O que na realidade vem ao encontro das palavras de Jennifer Nias (1991 In: Nóvoa, 1992, p.22), quando diz que “o professor é a pessoa; e uma parte importante da pessoa é o professor”. É nesse sentido reflexivo do ser humano professor de Artes em formação deve ser um profissional conhecedor de si mesmo, das suas capacidades e também dos seus limites, um profissional comprometido com o seu trabalho.

Meu amigo, de acordo com as ideias de Duarte Júnior eu acredito que os educadores possam desenvolver um trabalho que atenda as diversas realidades que a eles chegam. Penso que é indispensável que sejam sensíveis o suficiente para sentir as necessidades de seus alunos educando-os para que sejam também sensíveis de maneira que cresçam e possam atuar na sociedade de forma crítica e criativa, conscientes de suas atitudes e de suas possibilidades. E que se sintam sujeitos atuantes na transformação do meio no qual estão atuando. Assim, para que um docente possa educar para o sensível esse precisa ser sensível. Duarte Jr. (2001, p.206) defende “que na realidade, uma educação sensível só pode ser levada a efeito por meio de educadores cujas sensibilidades tenham sido desenvolvidas e cuidadas, como fonte primeira dos saberes e conhecimentos acerca do mundo”. E para mim isso se dá na convivência com outras pessoas durante a formação e não se dá como nos conceitos do conteúdo através de pesquisas e livros apenas.



## TENTANDO ARREMATAR O INFINDÁVEL

Acredito que as reflexões as quais me propus nesse trabalho fizeram com que eu pudesse me compreender um pouco mais e me aceitar como professora em minhas subjetividades. Ao mesmo tempo em que sendo uma pesquisa de conclusão de curso, em alguns momentos tive que me distanciar um pouco e olhar para esse trabalho enquanto pesquisadora na formação de professores. Penso que a organização do mesmo me possibilitou compreender os processos de desenvolvimento perceptivo através de análise de percurso próprio no curso de Artes Visuais, associar e tecer relações entre a vida social e fatores externos à academia e à minha formação docente e também identificar de modo reflexivo como o viver em sociedade vem se modificando e modificando o processo de formação de um educador.

Acredito ainda que tu leitor participaste de alguma forma para que esse trabalho fosse realizado, na medida em que lestes as cartas e te dispusestes a refletir sobre as minhas percepções. E que talvez ele tenha te provocado a desencadear também as tuas reflexões acerca das escolhas e caminhos trilhados, travando assim um diálogo através da minha escrita, pois elas foram escritas direcionadas a ti.

Da mesma forma, a escrita dessas cartas, permeada pelos meus acontecimentos passados, me fizeram além de entrar em um patamar de sensibilidade e reflexão sobre o meu trajeto de formação, me entender enquanto ser humano em permanente mudança e vigília. Consegui refletir sem tanto distanciamento de tempo sobre acontecimentos e pormenores que estão me formando no presente, percebendo que as relações sociais e culturais são desencadeadoras e sensibilizadoras para reflexões sobre nossa própria formação.

Concluo através destas reflexões que o curso de Artes Visuais pode ser sim considerado locus para a alteração da percepção do mundo a nossa volta,

pois abre os horizontes e amplia a visão, sensibilizando e fazendo-nos olhar as coisas a nossa volta com uma visão mais crítica e uma melhor percepção estética do mundo e das relações existentes na sociedade. Percebo também que as vivências sociais influenciam na formação docente a medida que também influenciam na formação das identidades do sujeito que na sociedade em que vivemos não é mais uma identidade fixa, mas que está em constante transformação juntamente com suas relações sociais.

Posso dizer-te que uma das minhas mais concretas conclusões é que o tempo cronológico e as atribuições do mundo moderno atrapalham na formação identitária e profissional d@ profess@r, pois muitas vezes esse fator impossibilita um trabalho melhor articulado, não apenas na atuação profissional como também na formação, quando não há tempo para continuar estudando e os compromissos se acumulam, frutos também da dita modernidade tardia de Hall.

Acredito que a Arte tem um papel primordial na educação básica, pois é no princípio dos estudos que deve ser desde cedo plantada a semente para que haja tempo de germinar e amadurecer as ideias e visões críticas e sensibilizadoras. Sendo assim, considero a escola como uma incubadora de novos pensamentos, e isso se refletirá na sociedade em geral, tendo as relações interpessoais o valor devidamente posto e reconhecido, através de experiências estéticas que nos trazem um contato mais íntimo e respeitoso com nós mesmos.

## BIBLIOGRAFIA

ARENHALDT, Rafael; MARQUES, Tania Beatriz Iwaszko (orgs.). **Memórias e Afetos na Formação de Professores**. Pelotas: Editora UFPEL, 2010.

BRANDÃO, Cláudia Mariza Mattos. **Entre Photos, Graphias, Imaginários e Memórias: a (re)invenção do ser profess@r**. 2012. 154f. Tese de Doutorado (não publicada) - Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

BAUMAN, Zygmund. **44 cartas do mundo líquido moderno**; tradução Vera Pereira – Ed. Eletrônica. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2011.

BOURRIAUD, Nicolas. **Estética relacional**. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Martins, 2009.

CORAZZA, S. M. (2000). **História da infância sem fim**. Ijuí: Unijuí, 2001.

DUARTE JR, J. F. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível**. Curitiba/PR – Criar Edições, 2004.

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. **Fundamentos Estéticos da Educação**. Campinas, SP. 2.Ed. Papirus, 1988

GAARDER, Jostein. **O mundo de Sofia**; tradução Leonardo Pinto Silva. São Paulo. Companhia das Letras, 2012.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade/Stuart Hall**; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lope Louro – 3. Ed. – Rio de Janeiro: DP&A,1999.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de Vida e Formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

\_\_\_\_\_. **Caminhar para Si**. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2010.

MARQUES, Mário Osório. **Caminhos da formação de um educador / Mario Osório Marques**, - Ijuí : Ed. Unijuí, 2006.

MARQUES, Mário Osório. **Escrever é preciso: o princípio da pesquisa / Mário Osório Marques**. – 3.ed. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2000.

MARQUES, Mário Osório. **4 vidas, 4 estilos, a mesma paixão / Mário Osório Marques**. Ijuí : Ed. UNIJUÍ, 1999.

NÓVOA, Antônio (Org). **Os professores e a profissão**. Lisboa: Don Quixote, 1992.